



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS
SECRETARIA DE ENSINO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

AUDIOLIVRO: UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Neuza Jorge Rodrigues

Campina Grande – PB

Julho/2013

NEUZA JORGE RODRIGUES

AUDIOLIVRO: UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Monografia apresentada em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Novas Tecnologias da Educação, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Prof.^a Ligia Pereira dos Santos.

Campina Grande – PB

Julho/2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

R696a Rodrigues, Neuza Jorge.

Audiolivro [manuscrito]: uma ferramenta de inclusão /
Neuza Jorge Rodrigues. – 2013.
40f. :il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em
Novas Tecnologias na Educação) – Universidade Estadual da
Paraíba, Secretaria de Educação à Distância - SEAD, 2013.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Lígia Pereira dos Santos”.

1. Educação Especial. 2. Deficiência Visual. 3. Recursos Didáticos
- Audiolivro. I. Título.

21. ed. CDD 371.9

Neuza Jorge Rodrigues

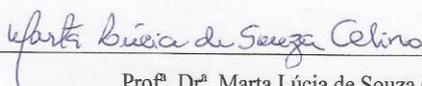
Monografia apresentada ao curso de Especialização da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – como requisito para a obtenção do Título de especialista em Novas Tecnologias da Educação.

Aprovada em 23 de julho de 2013.

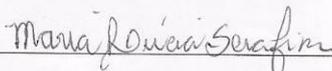
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Ligia Pereira dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
(Orientador – Presidente)



Prof.^a Dr.^a Marta Lúcia de Souza Celino
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
(1º membro)



Prof.^a Ms. Maria Lúcia Serafim
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
(2º membro)

Campina Grande – PB

Julho/ 2013

Dedico a minha mãe, que em todos os momentos de minha vida, tem me apoiado e torcido pelo meu sucesso pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a quem devo todas as conquistas realizadas.

Aos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado, ajudando e impulsionando os meus projetos.

A minha orientadora, Professora Dr^a. Lígia Pereira dos Santos, pela paciência, pelas sugestões, por ter acreditado na realização desta pesquisa e confiado em meus ideais.

As Professoras da banca, Dr^a. Marta Lúcia de Souza Celino e Ms. Maria Lúcia Serafim por reservarem um tempo para apresentarem suas valiosas contribuições que enriquecerão, ainda mais, este trabalho.

Aos professores e alunos do Instituto dos Cegos pela colaboração e disponibilidade para a realização desta pesquisa.

Aos amigos Renilson Nóbrega Gomes, José Carlos Neto, Roseana Palmeira, Alexandra Ferreira Gouveia, Verônica dos Santos, Fábio Cabral, Taynan Araújo, Carlos Muziel, Ana Flávia, Renato Cristiano, grata pela colaboração direta e indireta, sem vocês minha caminhada seria mais árdua.

“Quem tem muito pouco, ou quase nada,
merece que a escola lhe abra horizontes.”

Emília Ferreiro

RESUMO

A seleção de recursos didáticos para o ensino dos alunos com deficiência visual tem sido, constantemente, debatido e traz muitos receios e questionamentos por parte das instituições e docentes. Assim sendo, o presente estudo focou o audiolivro A Bela Acordada de autoria de Ligia Pereira dos Santos como ferramenta de aprendizagem significativa dos alunos com deficiência visual das turmas do 4º ano do ensino fundamental do Instituto dos Cegos em Campina Grande – PB, no período de outubro a dezembro de 2012. O método de pesquisa empregado é a pesquisa-ação, na qual procurou-se compreender, explorar, descrever e intervir no contexto real do uso do audiolivro. Bem como, verificar se o audiolivro é uma ferramenta eficaz para o ensino de leitura e interpretação de texto para as pessoas com deficiência visual. Vale ressaltar ainda, que a formação do professor e o uso adequado dos materiais didáticos mostraram-se como fatores determinantes para o ensino significativo não somente para os deficientes visuais, mas para todos.

Palavras chaves: Inclusão, deficiência visual, audiolivro

ABSTRACT

The selection of teaching resources for the education of students with visual impairments has been constantly debated and brings many fears and questions by institutions and teachers. Therefore, the present study focused on the audiobook *A Bela Acordada* written by Ligia Pereira dos Santos as a learning tool for students with significant visual impairment of the classes in the fourth grade in elementary school at the Institute of the Blind in Campina Grande - PB, in the period between October and December 2012. The research method used is action research, in which we sought to understand, to explore, to describe and to intervene in the real context of use of the audiobook, as well as, to verify if the audiobook is an effective tool for teaching reading and reading comprehension, for people with visual impairments. It is worth mentioning that the formation of the teacher and the appropriate use of educational materials showed up as determinants for teaching not only significant for the visually impaired, but for everyone.

Keywords: Inclusion, visual impairment, audiobook

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO	
1. Ensino com as novas tecnologias: Uma realidade?.....	12
1.1. Presença da tecnologia.....	12
1.2 Formação continuada e as novas tecnologias.....	12
1.3 Cegueira x ensino.....	14
CAPÍTULO II	
2. Audiolivro: Uma ferramenta de inclusão.....	17
2.1Um pouco de história.....	17
2.2 Procedimentos metodológicos.....	19
2.3 Contextualizando o ambiente.....	19
2.4 Seleção da ferramenta pedagógica.....	20
2.5 A Bela Acordada.....	21
2.6 A autora.....	24
2.7 A sequência didática.....	25
3. Audiolivro: relato de experiência.....	25
3.1. Primeiro encontro.....	26
3.2. Segundo encontro.....	27
3.3. Terceiro encontro.....	29
3.4. Quarto encontro.....	31
3.5. Quinto encontro.....	32
3.6. Sexto encontro.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
Apêndice.....	39

INTRODUÇÃO

A escola é um lugar de aprendizado e de vivência. Nesse ambiente, formam-se grupos, criam-se laços de amizades. Contudo, nesse mesmo local que, muitas vezes, ocorrem atitudes preconceituosas veladas ou declaradas. Uma dessas posturas revela-se com os portadores de deficiência visual, que, muitas vezes, são excluídos de várias atividades realizadas em sala de aula, pois, na maioria das vezes, o contexto escolar não possibilita que o (a) professor(a) flexibilize o currículo para atender as necessidades do aluno, bem como proporcionar-lhe uma aprendizagem significativa.

Para Carrara (2009), a escola não é o único local em que os estudantes aprendem, mas é o lugar em que há um diálogo aberto sobre as diversas temáticas e o discurso escolar é visto como verdadeiro, pois assume caráter “científico.” Assim sendo, é necessário que a sala de aula seja um espaço que contemple o ensino colaborativo, permitindo ao educando aprender a conviver com as diversidades, bem como possibilitando que o estudante com deficiência visual ganhe autonomia no processo de ensino e aprendizagem e aprenda a aprender. Por outro lado, deve proporcionar o desenvolvimento de habilidades para a inserção do mesmo no mercado de trabalho.

Para isso, é necessário que o professor possua uma formação adequada para trabalhar com os alunos, sendo o intermediador de situações de ensino e aprendizagem e utilize os diversos recursos da tecnologia assistiva disponível, como por exemplo, computadores com softwares capazes de fazer leitura de uma tela ou monitor para um aluno cego.

Apesar de existir um razoável aparato legal que garante os direitos das pessoas com deficiência visual, sabemos que a realidade das escolas brasileiras com salas de aulas superlotadas e a falta de infraestrutura impossibilita que o professor desempenhe bem o seu papel.

Nesse cenário, é comum ouvir na sala dos professores reclamações e justificativas para as dificuldades cotidianas de trabalhar com deficientes visuais: “os professores não têm um curso de formação para lidar com tantas diferenças”, “Não temos tempo de elaborar atividades para os alunos “normais”, imagine para os deficientes visuais”, “trabalhar com alunos portadores de deficiência visual é complicado, pois não sabemos o Braille”, entre outras.

Assim, indagamos como proporcionar um ensino significativo para as pessoas com deficiência visual; quais seriam as ferramentas facilitadoras do ensino e

aprendizagem? O audiolivro é um recurso didático adequado para o ensino de leitura e interpretação das pessoas com deficiência visual? A partir dessas interrogações, surgiu a necessidade desta pesquisa, visto que permitiu abrir mais um espaço teórico em que se pudesse falar e construir arcabouços reflexivos sobre o ensino significativo para pessoas com deficiência visual.

Para a realização do estudo, efetuamos um levantamento bibliográfico, na perspectiva de nos inteirar das obras científicas que abordam a temática. Em seguida, agendamos e realizamos visitas *in loco* para conhecer e contextualizar o ambiente da pesquisa. O método de pesquisa empregado foi a pesquisa-ação no qual procuramos compreender, explorar, descrever e intervir nas atividades elaboradas e propostas a partir do uso do audiolivro.

A finalidade da pesquisa é verificar se o audiolivro é uma ferramenta eficaz para o ensino de leitura e interpretação de texto para as pessoas com deficiência visual. Para atingir esse objetivo, aplicamos uma sequência didática elaborada a partir do audiolivro *A Bela Acordada* de autoria de Ligia Pereira dos Santos, buscando averiguar o potencial do texto como ferramenta de ensino e leitura para pessoas com deficiência visual. Bem como, se este se constitui como um recurso eficaz no ensino das turmas 4º ano do ensino fundamental do Instituto dos Cegos, localizado na cidade de Campina Grande – PB.

Neste trabalho, apresentamos, no primeiro capítulo, as reflexões acerca do ensino e o uso das novas tecnologias, considerando as teorias que abordam a referida temática em consonância com a cultura tecnológica. Já no segundo capítulo, apresentamos as ponderações sobre o audiolivro e relatamos a experiência vivenciada no Instituto dos Cegos de Campina Grande – PB.

Para isso, sistematizamos o assunto pesquisado em leitura de teóricos como Perrenoud (2000), Menezes e Franklin e Franklin

(2008), Medeiros (2010), Rodrigues e Maranhe (2010), entre outros; com a finalidade de fundamentar as discussões acerca das contribuições do audiolivro como meio propiciador de aquisição, atualização e ampliação do saber. Por último, elencamos as considerações finais, reiterando a notoriedade do uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea.

Por fim, esperamos que o conhecimento desta problemática sirva não apenas para descrever um foco da realidade representada, mas também para compreendê-la e

apontar caminhos que sirvam de revisão das posturas adotadas diante das diversidades existentes em sala de aula.

CAPÍTULO I

1. Ensino com as novas tecnologias: Uma realidade?

O avanço tecnológico e sua presença constante em nosso cotidiano nos impulsionam a uma ampliação da visão de mundo. Muitas vezes, modificamos as linguagens, atitudes e estamos sujeitos a novos padrões éticos e novas maneiras de apreender a realidade. Assim, fica evidente que o processo de desenvolvimento tecnológico e as transformações sociais estão intimamente relacionados. Os indivíduos, por sua vez, tentam vencer os desafios e necessidades colocados por esta nova realidade.

Todas as transformações sociais ecoam também na esfera educacional fazendo nascer um novo modelo para o ensino. Surge assim, a necessidade de a escola, como espaço de formação de cidadãos, discutir e compreender seu papel, redimensionando-o no processo de ensino e aprendizagem, visto que há uma preocupação em se atender aos desafios do educar diante das modernas tecnologias e as formas de ensinar.

1.1. Presença da tecnologia

Com o avanço científico e as novas tecnologias, o conhecimento da humanidade é ampliado e, conseqüentemente, seu comportamento é transformado. Desse modo, as tecnologias interferem nos modos de pensar, sentir, agir, relacionar-se socialmente e adquirir conhecimentos; criando, portanto, um novo modelo de sociedade que se caracteriza pela velocidade das alterações impostas ao universo informacional e à necessidade da permanente atualização do indivíduo para acompanhar essas pressurosas mudanças.

Para Castells (1999), há uma grande afinidade entre o desenvolvimento tecnológico e as transformações das sociedades. Sendo assim, entendemos que a tecnologia se apresenta como um elemento importante na construção cultural da sociedade. No entanto, é preciso que o indivíduo saiba relacionar e adaptar as novas tecnologias aos contextos em que está inserido para que as suas práticas de cidadão e profissional, bem como suas concepções tenham maior significado e façam sentido para cada um.

A tecnologia, como um todo, faz parte do cotidiano das pessoas. É um artifício que impulsiona a aquisição de novos costumes e linguagem por meio de suas capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas e comunicativas. Como afirma Marcondes (2000, p.20) ao se referir à televisão, por exemplo, “está presente na grande

maioria dos lares e querendo, ou não, somos sujeitos à sua influência”. Contudo, cabe ao indivíduo fazer da tecnologia um instrumento de transformação capaz de proporcionar conhecimento e crescimento não apenas social.

Assim, concordamos com Medeiros (2010) ao afirmar que a cultura tecnológica é “um conjunto de valores, comportamentos, linguagens, hábitos e relações sociais”, em que cada indivíduo se apropria do conhecimento tecnológico para desenvolver e facilitar o processo e socialização do homem no mundo atual. Em outras palavras, a cultura tecnológica implica na transformação de comportamentos dos indivíduos de uma sociedade e não basicamente no uso de novos produtos e equipamentos.

1.2 Formação continuada e as novas tecnologias

No contexto das tecnologias, o educador, diariamente, é desafiado a suprir várias necessidades e carências decorrentes do processo evolutivo da sociedade, o qual exige que questões de ordem internas (da sala de aula) e externas (da sociedade) sejam adaptadas de modo a despertar e prender a atenção do aluno, para que este se envolva na busca e aquisição/ampliação dos conhecimentos.

As afirmações de Freire (1981) apontam para uma educação capaz de fazer os alunos a “ler o mundo” e aptos a vislumbrar realidades a partir dos conteúdos trabalhados, relacionando a aprendizagem ao mundo em que estão inseridos. Tal proposta nos faz entender que a educação, dentro de suas prerrogativas e estruturas funcionais, permite a valorização dos conhecimentos e saberes provenientes dos estudantes, possibilitando-os a participar de forma ativa da construção do seu saber, ou seja, sendo protagonistas da história de suas próprias vidas.

Ao pensar sobre essa abordagem, entendemos que o professor deve possuir competências para bem exercer sua função. E Perrenoud (2000) corrobora com essa questão destacando a necessidade crescente do domínio das ferramentas tecnológicas, para que o profissional docente esteja preparado para o mundo moderno.

Assim, cabe ao professor ter a consciência de que esse novo conhecimento é inerente ao seu trabalho e surge como uma exigência da própria sociedade em evolução. Do contrário, uma grande lacuna existirá em sua formação, resultando no empobrecimento de seu trabalho.

É pouco provável que o sistema educacional imponha autoritariamente aos professores em exercício o domínio dos novos instrumentos, ao passo que, em outros setores, não se abrirá mão desse domínio. Talvez isso não seja necessário: os professores que não quiserem se envolver nisso disporão de informações científicas e de fontes documentais cada vez mais pobres, em relação àquelas às quais terão acesso os seus colegas mais avançados. (Perrenoud, 2000, p. 131)

Dessa maneira, a formação primeira de qualquer profissional demanda uma renovação focada na reflexão e explicitação de suas práticas cotidianas. Sobre essa indagação, Freire (1981, p.17) afirma que:

A primeira condição para que um ser pudesse exercer um ato comprometido era a sua capacidade de atuar e refletir. É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, o que o faz um ser de práxis.

Assim, é necessário que o profissional seja comprometido com o que faz para sentir a importância de buscar a cada dia a renovação de seus saberes, objetivando melhorar a sua atuação, além de buscar corresponder às exigências da realidade em que está inserido, bem como de transformá-la, já que é o contexto que o faz pensar no que deve ser melhorado.

Nesse sentido, Magalhães (2001, p. 245) enfatiza a importância do profissional reflexivo sujeito da sua ação, que reflete sobre seu trabalho, buscando novos significados para a sua prática, dizendo que

Um importante aspecto a ser considerado é o fato de o professor reflexivo não poder ser 'fabricado' pelas instituições de formação de professores de tradição na racionalidade técnica, pois sua formação envolve não só um trabalho teórico, mas, essencialmente, um trabalho conjunto acerca de sua prática.

Assim, fica evidente a necessidade dos professores repensarem sua prática, aprenderem a inovar as suas práticas de ensino e de aprendizagem a partir de diversos artifícios pessoais e coletivos de auto formação.

1.3 Cegueira x ensino

Sabemos que as pessoas com deficiência visual, por um longo período, ficaram desamparadas ou internadas em asilos. Poucos se sobressaíam devido à limitação do

contato social e aprendizagem de conhecimentos. A partir do século XVIII, surgem os estabelecimentos especializados, permitindo aos cegos desenvolverem suas habilidades. Porém, esses espaços transformaram-se num local de troca de comida e moradia por trabalho obrigatório e oportunos para aprender a reconhecer algumas letras, palavras e frases em relevo.

Segundo Fantozzi (2009), a educação especial das pessoas com deficiência visual começa no Brasil com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 1854, atualmente, denominado Instituto Benjamin Constant. Só depois da segunda guerra mundial é que os Governos Federais e Estaduais começam a implementar em suas ações os primeiros serviços de educação especial.

Vivemos em uma sociedade, na qual as pessoas são vistas pelo o que produzem, sendo assim, as que apresentam qualquer limitação física ou mental são vistas como um problema por necessitarem de um cuidado diferenciado. No entanto, é preciso ter o cuidado para não olharmos os deficientes como pessoas que merecem apenas amor, atenção, ao mesmo tempo, que encobrimos o sentimento de compaixão, julgando-as inferiores e incapazes. Como afirma Rodrigues e Maranhe (2010, p. 14):

É, ainda, senso comum, uma visão benevolente da pessoa com deficiência, que deve ser tratada com amor e carinho, o que pode acobertar conceitos de menos valia e, conseqüentemente, pouca consideração aos seus direitos e a escassez de oportunidades de desenvolvimento.

De acordo com a psicologia histórico-cultural, o indivíduo nasce e encontra valores sociais, comportamentais que influenciam em sua forma de agir e pensar. Assim, a aprendizagem acontece nas relações estabelecidas no convívio social que permite o desenvolvimento individual da espécie humana.

Nesse contexto, a escola deve ser um espaço de mediação de situações de ensino e aprendizagem intencional que possibilite a aquisição de novos conhecimentos, contribuindo para que o estudante possa compreender e intervir em sua realidade. Porém, apesar das escolas brasileiras serem um espaço de encontro das diversidades que formam o povo, as relações estabelecidas em sala de aula, muitas vezes, silenciam e deturpam as culturas dos grupos minoritários e/ou marginalizados; diminuindo ou anulando as possibilidades de reação.

Por esse motivo, é necessário que o espaço escolar seja repensado, visto que, as pessoas são excluídas em razão das características físicas ou mentais consideradas atípicas. Assim, deve possibilitar momentos, nos quais os “deficientes”, dentre eles, os visuais superem as dificuldades, permitindo-os vencer uma nova batalha, a cada dia. Esse direito é assegurado pelo art.24 da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência – ONU/2006.

O direito das pessoas com deficiência à educação se efetiva pela garantia de sua plena participação e aprendizagem, em sistemas educacionais inclusivos, em igualdade de condições com as demais pessoas, na comunidade em que vivem.

É imprescindível refletir, repensar as atitudes e, até mesmo, enxergar essas pessoas, as quais, muitas vezes, ficam invisíveis. Desconstruindo, assim, a ideia de que as limitações impostas e os desafios enfrentados por uma pessoa com deficiência visual, tornam-na incapaz de conviver com pessoas em um ambiente considerado por muitos “normais”, formado também por pessoas sem essas “diferenças”. Bem como “entender o outro, enquanto diferente, não deve passar pela aceitação do que ele difere de nós, mas pelo que temos de fazer para nos comunicar, promovendo sua adaptação e desenvolvimento.” (Menezes e Franklin e Franklin 2008, p.13).

Assim, o que deve variar na prática pedagógica são as estratégias metodológicas empregadas pelo professor, bem como a seleção adequada dos recursos de tecnologia assistiva para proporcionar uma aprendizagem significativa às pessoas com deficiência visual. Como afirma Sá *Et.al* (2007, p. 1):

(...) necessitam de um ambiente estimulador, de mediadores e condições favoráveis à exploração de seu referencial perceptivo particular. No mais, não são diferentes de seus colegas que enxergam no que diz respeito ao desejo de aprender, aos interesses, à curiosidade, às motivações, às necessidades gerais de cuidados, proteção, afeto, brincadeiras, limites, convívio e recreação dentre outros aspectos relacionados à formação da identidade e aos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Devem ser tratados como qualquer educando no que se refere aos direitos, deveres, normas, regulamentos, combinados, disciplina e demais aspectos da vida escolar.

Cabe ao professor adequar as tarefas, flexibilizando-as para que os alunos com deficiência visual tenham oportunidades de aprender a aprender, assim como os demais alunos ditos “normais”.

CAPÍTULO II

2. Audiolivro: Uma ferramenta de inclusão

Durante muito tempo, as pessoas com deficiência visual ficaram à margem dos processos social e digital. Hoje, graças às tecnologias da informação e do conhecimento, esse cenário vem se modificando, permitindo que o deficiente visual interaja com os diversos segmentos da sociedade, bem como ser um construtor da sua aprendizagem, capaz de compreender e intervir em sua realidade, possibilitando sua inclusão que, segundo Menezes e Franklin (2008), significa:

Inclusão social, para um cidadão, significa estar incluído nas atividades socioeconômicas de seu país, ter desenvolvimento educacional, acesso às novas tecnologias da informação e do conhecimento, para uma ação participativa junto à sua comunidade.

Nesse processo de inclusão, é imprescindível que a pessoa com deficiência visual conheça e manuseie recursos tecnológicos, tais como, a impressora Braille, o Audiolivro, os celulares, os computadores com o sistema operacional Dosvox. Dessa maneira, o acesso aos instrumentos de comunicação e informação servirão aos processos de mediação permitindo desenvolver habilidades necessárias para aprender a aprender numa perspectiva do aprendizado pela experiência e busca ativa do conhecimento.

2.1 Audiolivro: Um pouco de história

Sabemos que as mudanças tecnológicas modificaram as maneiras de ler e armazenar informações e, que, despontamos dos registros feitos em vegetais, animais e minerais para as notas em bytes.

Nesse contexto, até a Idade Média a leitura estava ligada ao ato de falar em voz alta. Com o passar do tempo, essa relação de leitura e voz foi desvinculada. E, após a primeira guerra mundial, algumas obras literárias e teatrais passaram a ser gravadas com o intuito de entreter soldados que perderam a visão nas batalhas.

Todavia, essa ferramenta passa a ser utilizada, também, por pessoas que não possuem tempo para ler textos impressos. Nos Estados Unidos, por exemplo, esse tipo de leitura popularizou-se desde a década de 80 e, hoje, possui o maior mercado de audiolivros.

Já no Brasil, há poucos títulos publicados e também é visto, principalmente, como uma ferramenta de auxílio para os deficientes visuais. Além disso, há poucos estudos do mesmo como uma ferramenta de ensino e aprendizagem. Todavia, já existem algumas iniciativas das Universidades públicas e do MEC para disponibilizar gratuitamente audiolivros.

O audiolivro é um recurso dinâmico e de fácil acesso dada a sua estrutura que envolve a leitura dramatizada do texto juntamente com efeitos sonoros, fundo musical. É um componente instigante no processo de ensino e aprendizagem e uma das alternativas para o ensino de leitura com alunos com deficiência visual. PALETA, F.A. C, *et al*, destaca, dentre outras, as seguintes vantagens do uso do audiolivro:

- Pode ser usado em situações nas quais a leitura não é possível, e por pessoas com deficiência visual;
- São muito versáteis, permitindo que o usuário realize “multitarefa”, enquanto ouve;
- Devido à possibilidade de interpretação, em determinados trechos, o áudio é muito superior ao livro impresso, pois consegue dar ao ouvinte a dimensão exata das técnicas sugeridas;
- Ler em voz alta para as crianças é uma das atividades que mais ajudam a desenvolver a habilidade de leitura. Ouvindo um livro falado, as crianças ampliam o vocabulário, aprendem entonação, pronúncia e, principalmente, têm contato com o universo da literatura de uma forma lúdica e agradável.

Quando 01- Diferença da capacidade de armazenamento dos suportes em relação ao livro em Braille

SUPORTE	TEMPO MÉDIO DE APRESENTAÇÃO	OBRAS
LIVRO EM BRAILLE	Situação relativa devido à praticidade do leitor diante da escrita Braille.	Quincas Borba , livro apresentado em 7 partes sob a escrita Braille.
FITA K7	60 min. para cada lado, o equivalente ao tempo mínimo de apresentação de 120 min. por fita.	Dom Casmurro , livro apresentado em 8 fitas k7. O equivalente a média de 960 min. para apresentação.
CD-ROM	80 min. de apresentação definida pela capacidade do suporte.	Quincas Borba , livro apresentado em 9 CD-ROM, o que significa uma duração de 720 min.
MP3	Utiliza como suporte um CD-ROM de 80 min. Mediante a compactação do arquivo, a apresentação de 3 ou 4 livros pode ser realizada em um único suporte e seu período de apresentação será maior que 80 min. Permite fácil manuseio, mobilidade e ocupa menos espaço nas estantes.	Série Para gostar de ler, Coleção Sérgio Milliet. Contém 3 títulos em 1 único CD e sua duração é bastante relativa.

Evidencia-se, neste contexto, que o audiolivro pode ser uma ferramenta para produzir aulas criativas e dinâmicas. Além disso, o mesmo preenche uma lacuna no ensino e aprendizagem de leitura para os deficientes visuais, uma vez que, há poucos títulos em braile disponibilizados nas bibliotecas e escolas. De acordo com Meneses (2008), é necessário observar a formação de novos leitores com a relação das maneiras de armazenar e os suportes tecnológicos disponibilizados (Ver quadro 1)

Pelo exposto, escolheu-se utilizar o audiolivro A Bela Acordada de autoria da professora Ligia Araújo, nas turmas do 4º ano do ensino fundamental do Instituto dos Cegos, localizado em Campina Grande, Paraíba.

2.2 Procedimentos metodológicos

A metodologia dessa pesquisa tem natureza qualitativa e é caracterizada como pesquisa-ação, já que visa a promoção de ações transformadoras dentro da própria sala de aula, ou seja, permite produzir informação e conhecimento de uso mais efetivo e a compreensão dos processos que estruturam a prática docente. Como afirma Kemmis e Mc Taggart (1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248):

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa.

Considera-se a pesquisa ação um processo interativo entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, o qual possibilita a reflexão e, a partir da mesma, remete a uma nova ação.

2.3 Contextualizando o ambiente

O Instituto dos Cegos, idealizado pelo professor José da Mata Bonfim, está localizado em Campina Grande PB. O órgão foi criado no ano de 1952, com o intuito de promover a escolarização e a inclusão no mercado de trabalho de pessoas cegas ou com baixa visão. Conta com o apoio de alguns órgãos públicos e privados, bem como a ajuda

da sociedade campinense e oferece aos associados, desde o apoio pedagógico para o ensino fundamental até a musicalização.

A instituição atende, atualmente, cerca de 180 pessoas cegas ou com baixa visão. Lá, o assistido tem a possibilidade de aprender o Braille, manusear o computador, aulas de karatê, dentre outras atividades.

Para a realização dessa pesquisa, realizou-se visitas *in loco* no mês de outubro de 2012 com a finalidade de observarmos o ambiente e mantermos contato com a diretora do Instituto dos Cegos Adenize Queiroz de Farias, as professoras Neuza e Maria José e os alunos. Oportunidade na qual nos permitiu ter a real noção da estrutura física e pedagógica disponibilizadas para os assistidos pelo Instituto dos Cegos.

Feita a coleta dos primeiros dados, passamos ao planejamento das atividades a serem desenvolvidas posteriormente.

2.4 Seleção da ferramenta pedagógica

É do conhecimento de todos que no Brasil há diversos recursos didáticos disponibilizados para o ensino de pessoas com deficiência visual, tais como, reglete, Dosvox, livro adaptado. Esses recursos visam integrar o aluno com deficiência, permitindo-o participar das atividades proposta em sala de aula.

Ainda convém lembrar que para a inserção do deficiente visual na sociedade é necessário que estes desenvolvam diversas habilidades, dentre elas, falar e ouvir, ler e escrever. Como afirma Sá *Et. al* (2007, p. 21):

A linguagem amplia o desenvolvimento cognitivo porque favorece o relacionamento e proporciona os meios de controle do que está fora de alcance pela falta da visão. Trata-se de uma atividade complexa que engloba a comunicação e as representações, sendo um valioso instrumento de interação com o meio físico e social. O aprimoramento e a aplicação das linguagens oral e escrita manifestam-se nas habilidades de falar e ouvir, ler e escrever.

O Instituto dos Cegos disponibiliza para os seus alunos aula de Braille, permite que esses aprendam a manusear o computador através do programa leitor de tela com síntese de voz o Dosvox; o que possibilita a aquisição de um alto grau de independência no estudo e no trabalho. Oferece, também, diversas oficinas de música e esporte.

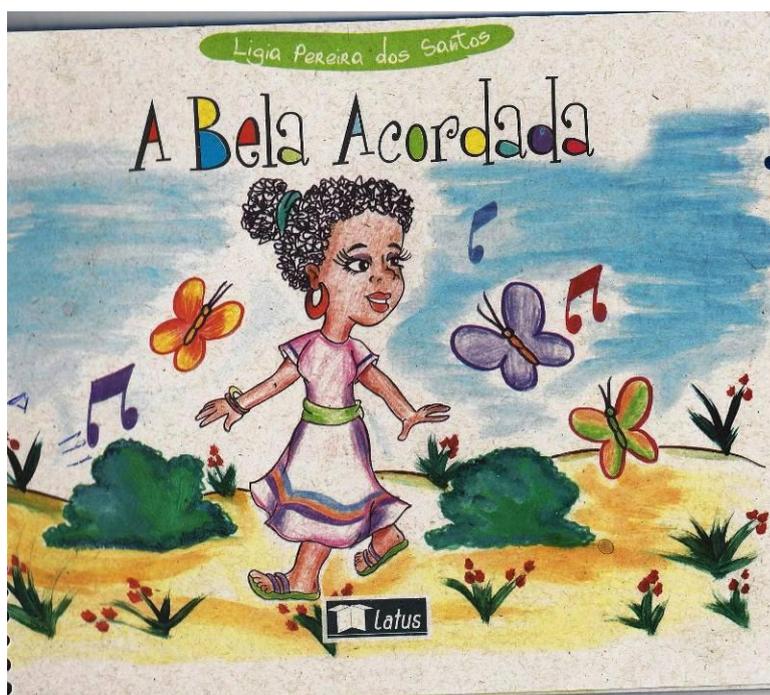
Entre as diferentes ferramentas disponíveis para facilitar a aprendizagem dos deficientes visuais, optamos por trabalhar com o audiolivro, pois permite uma prática inovadora, uma vez que é também um recurso que permite a ampliação do conhecimento das pessoas com deficiência visual de um modo autônomo, bem como ao desenvolvimento de habilidades de “leitura” e compreensão de texto, conforme defendem Menezes e Franklin e Franklin (2007, p. 5):

Conhecido no mercado nacional e internacional, o audiolivro, há anos, contribui com a educação inclusiva de pessoas com deficiências visuais, resgatando ou formando leitores, incentivando a leitura auditiva, o entretenimento e a cultura, para quem ouve e para quem se faz ouvir.

Por outro lado, são inegáveis as situações de exclusão vivenciadas pelas pessoas tidas como diferentes, seja pela cor da pele, orientação sexual, limitações físicas, bem como da falta de modelos de personagens na literatura, nos programas televisivos, nos cinemas que representem essas minorias excluídas e/ou marginalizadas. Por essa razão, optamos por trabalhar com o audiolivro *A Bela Acordada* produzido em 2012 para a realização desta pesquisa.

2.5 A Bela Acordada

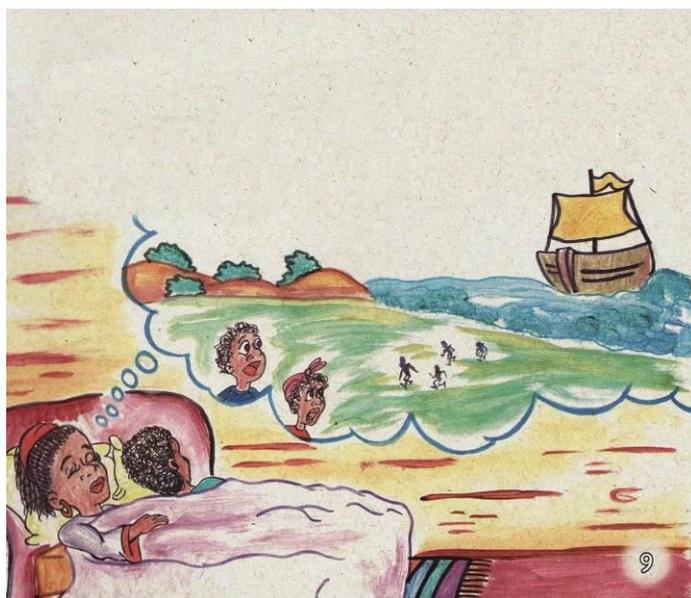
Figura 1 – Capa do Livro “A Bela Acordada”



A obra *A Bela Acordada* conta a estória de Pérola Negra, uma menina linda, atenta, de pele negra e cabelos encaracolados. Seus pais, Topázio e Esmeralda, eram reis na África e desejavam muito ter um bebê.

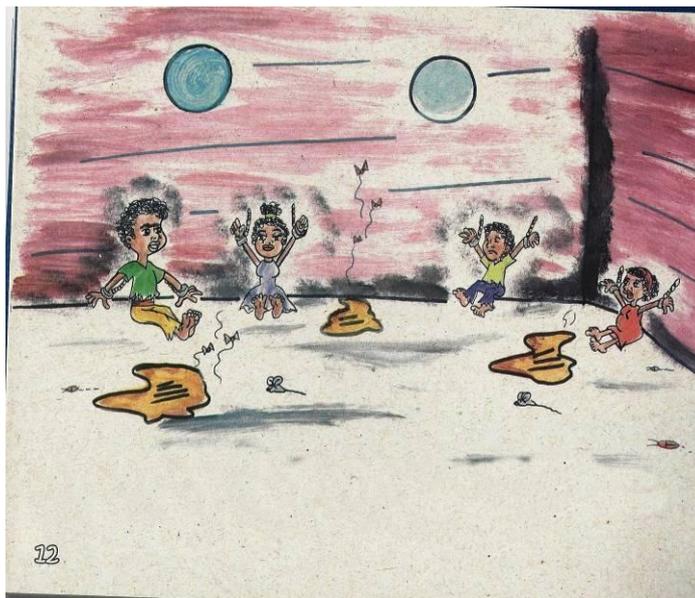
Um dia, esse desejo foi realizado. A menina crescia em graça e sabedoria. Certo dia, a rainha Esmeralda teve um pesadelo horrível, no qual a África era invadida pela maldição da escravidão. Quando acordou, contou o sonho ao rei que falou que era apenas um pesadelo.

Figura 2 – Ilustração do Livro



Todos os anos era realizada uma festa para comemorar o aniversário de Pérola Negra, o qual contribuía para que a rainha esquecesse até o pesadelo, mas, de repente, chegou à maldição da escravidão. O rei e a rainha foram assassinados. Os negros e negras, sobreviventes, foram acorrentados, enquanto outros foram separados de suas famílias, viajando, durante meses, acorrentados em navios negreiros até chegar ao Brasil.

Figura 3 – Ilustração do Livro



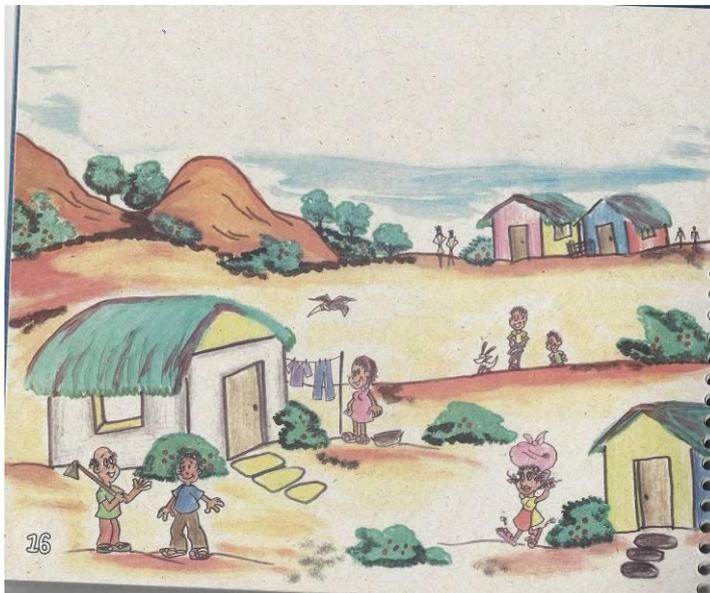
Chegando ao Brasil, Pérola Negra e os demais negros e negras foram morar em senzalas e obrigados a trabalhar de sol a sol. Com fome, misturaram feijão preto com restos de carne de porco para se alimentarem. A Bela Acordada observou que o povo branco após comer a feijoada ficava com sono. E teve uma grande ideia, preparou a receita e colocou ervas de adormecer.

Figura 4 – Ilustração do Livro



As pessoas de pele branca comeram e, depois, adormeceram. Aproveitando a situação, fugiram e muito longe dali formaram o quilombo; lugar onde continuaram a luta pela preciosa liberdade.

Figura 5 – Ilustração do Livro



2.6. Contexto de escolha da autora

Como já havia cursado a especialização de Literatura e Estudos Culturais oferecida pela UEPB, ao tomar conhecimento do livro *A Bela Acordada*, lançado pelo selo Latus da editora da Universidade Estadual da Paraíba, produto do Projeto Contos que Desenfadam aplicado em escolas públicas, senti vontade de conhecê-lo e de utilizá-lo na minha pesquisa.

Assim, conversei com Ligia Pereira dos Santos, professora da Universidade Estadual da Paraíba, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Possui licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba; além de especialista em Novas Tecnologias. Nesse primeiro contato, ficou evidente o seu interesse em Educação com ênfase em gênero, educação especial, diversidade e inclusão. E fiquei sabendo do seu anseio de dar continuidade aos trabalhos com a obra e que havia dois projetos: o primeiro, de publicar a obra em braile e o segundo de fazer o audiolivro.

Percebi que é apaixonada pelo que faz e é consciente da necessidade de modelos de heróis que representem as minorias, contribuindo para a construção da identidade e de um olhar crítico da realidade e do contexto em que o indivíduo está inserido.

No livro *A Bela Acordada* cria a imagem da heroína negra, revisitando a estória do negro e desconstruindo o modelo de príncipe e princesas existentes nos contos de fadas.

Assim, sabe-se que a literatura deve ser introduzida de uma forma atraente para os leitores iniciantes, bem como é um mecanismo eficaz para desenvolver as habilidades de leitura, resolvemos desenvolver uma pesquisa com o audiolivro *A Bela Acordada* no Instituto dos Cegos de Campina Grande, pois seria um desafio e uma oportunidade de ensinar e aprender.

2.7. A sequência didática

Após às visitas para conhecer o público alvo, que foram 12 alunos do Instituto dos Cegos já alfabetizados e para agendarmos os encontros, elaboramos uma sequência didática (ver em anexo), ou seja, um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo etapa por etapa, visando atingir os objetivos previamente estabelecidos pelo professor.

Com essas atividades planejadas, minuciosamente, almejou-se verificar o conhecimento prévio dos alunos, bem como verificar a eficácia do uso do audiolivro como ferramenta de ensino de leitura e produção de texto para pessoas com deficiência visual.

3.0. Audiolivro: relato de experiência e prática pedagógica

Mesmo tendo visitado o Instituto dos Cegos para (re)conhecer o ambiente e os sujeitos envolvidos na pesquisa, várias dúvidas e receios surgiram minutos antes do primeiro encontro para iniciar-se as aulas e aplicar-se a sequência didática planejada, visto que eu como profissional da educação, nunca havia me deparado em situações de ensino e aprendizagem com alunos com deficiência visual, nem na graduação tinha estudado teorias e práticas para esse contexto de ensino.

Estava, então, diante de um novo desafio contando como bagagem teórica as aulas da disciplina *Tecnologias e Educação Inclusiva*, oferecida na especialização de *Novas Tecnologias na Educação (UEPB)*, na qual realizamos uma visita a AEE de uma escola da rede municipal de Campina Grande, a APAE e ao Instituto dos Cegos. Após

as visitas, fiquei impressionada com o desafio de lecionar para pessoas que carecem de flexibilização do currículo e adequação das atividades propostas.

3.1. Primeiro encontro

Iniciou-se a aula com uma conversa para averiguar-se o conhecimento dos alunos sobre a estória da Bela Adormecida. Em seguida, realizou-se algumas perguntas para observar se os estudantes conseguiam perceber que os contos de fada sempre apresentam príncipes e princesas brancos, bonitos, pertencentes à famílias abastadas, cuja narrativa destaca a princesa sempre esperando ser resgatada pelo príncipe forte, corajoso e destemido.

Como os alunos conheciam a estória e também as características dos personagens que sempre aparecem nos contos de fada, dissemos que iria-se apresentar uma princesa diferente, esperta, que não era de ficar esperando o príncipe vir salvá-la, além de não ser branca. Todos os alunos ficaram curiosos, perguntaram como era esta princesa. Em seguida, colocamos o audiolivro para que pudessem conhecer o texto A Bela Acordada.

Terminada a audição da estória, nos surpreendemos com algumas perguntas que para nós eram simples e jamais desconfiou-se que surgiriam como, por exemplo, o que é um barco?; Como é um barco?; Ele fica onde?. No momento que essas perguntas surgiram para inteirá-los do que seria, ou seja, respondê-las, improvisou-se um barco de papel que foi explorado, “visto” pelas mãos dos alunos presentes. (Ver foto, abaixo).

Figura 1- Aluna explorando o barco de papel.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

3.2. Segundo encontro

Após o primeiro encontro, percebeu-se que desconsideramos algumas particularidades do ensino para pessoas com deficiência visual, visto que elaborou-se as informações considerando os padrões de experimentos visuais, deixando-os em situação de desvantagem. De acordo com Sá *Et.al* (2007, p. 16):

Cada pessoa desenvolve processos particulares de codificação que formam imagens mentais. A habilidade para compreender, interpretar e assimilar a informação será ampliada de acordo com a pluralidade das experiências, a variedade e qualidade do material, a clareza, a simplicidade e a forma como o comportamento exploratório é estimulado e desenvolvido.

Por esse motivo, decidiu-se elaborar atividades que priorizassem os sentidos remanescentes, propiciando um aprendizado significativo e real a partir de experiências concretas. Assim, criou-se uma atividade que possibilitasse a exploração e o domínio de ideias chaves para a compreensão do Audiolivro *A Bela Acordada*. Pois, concordamos com Sá *Et. al* (2007, p. 21), quando afirma:

Para que o aprendizado seja completo e significativo é importante possibilitar a coleta de informação por meio dos sentidos remanescentes. A audição, o tato, o paladar e o olfato são importantes canais ou porta de entrada de dados e informações que serão levados ao cérebro. Lembramos que se torna necessário criar um ambiente que privilegia a convivência e a interação com diversos meios de acesso à leitura, à escrita e aos conteúdos escolares em geral.

Então, confeccionou-se e conduziu-se para a sala de aula uma maquete do quilombo, além de um barco de madeira, um chicote, uma corrente, para sanar as lacunas deixadas no encontro anterior, no qual vivenciou-se experiências baseadas em situações visuais. (Ver fotos abaixo)

Figura 2 – Alunos explorando o barco.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Figura 3 – Professora do Instituto demonstrando o chicote



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Figura 4 – Aluna explorando o açúcar, colocando o barco de papel.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Figura 5 – Maquete do quilombo.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

3.3. Terceiro encontro

Após retomar-se as ideias chaves do audiolivro com a utilização de objetos concretos para serem explorados pelos alunos, pediu-se que os estudantes tocassem para perceber as diferenças de altura, peso e do cabelo. (Ver fotos abaixo)

Figura 6 – Eduarda e Fátima reconhecendo o tipo de cabelo.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Figura 7 - Alunos conhecendo-se.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Figura 8 – Alunos "conhecendo" a professora Lígia.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Em seguida, iniciou-se uma exposição dialogada, objetivando refletir-se a respeito das diferenças existentes, perguntando, por exemplo: Como é o cabelo de Eduarda? E o Cabelo de Rafaela? E o de Paulinho? São todos iguais?

Com essas indagações, construiu-se a ideia de que somos iguais, porque somos humanos, mas apresentamos algumas diferenças, seja na altura, no peso, na fibra dos cabelos, entre outros. A aula teve um clima de descontração e brincadeira, todos queriam participar e expor seu pensamento. A aprendizagem aconteceu de uma maneira lúdica.

O objetivo dessa aula era evidenciar que a limitação na visão, a qual eles possuíam, era apenas mais uma das diferenças possíveis de existir e que o fato de ser diferente não implicava a exclusão de uma aprendizagem significativa. Bem como, enfatizar a necessidade de o contexto escolar oferecer atividades para a compreensão e o respeito das diferenças existentes sejam quais forem; disseminando a ideia da convivência pacífica e harmoniosa entre os seres humanos.

3.4. Quarto encontro

Tendo trabalhado o conceito das diferenças existentes, retornou-se o trabalho com o audiolivro *A Bela Acordada* para reforçar o perfil diferente da heroína que além de ser negra era muito esperta e ativa, não ficava aguardando que o príncipe surgisse para resolver os seus problemas. Para isso, conduzimos a turma para a sala de informática do Instituto para ouvirmos mais uma vez o audiolivro *A Bela Acordada*. (Ver foto abaixo)

Figura 9 – Professor de informática e alunos no laboratório



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Após a audição do audiolivro, fez-se uma roda de conversa para perceber se os alunos alcançaram um nível de leitura decodificadora ou conseguiram uma compreensão mais ampla do texto.

Visando esses objetivos, fez-se perguntas, como por exemplo: qual o nome da personagem principal?; Por que ela recebeu esse nome?; Qual foi o pesadelo que a rainha Esmeralda teve?; Os negros e negras que sobreviveram foram acorrentados nos navios negreiros, por meses até chegar ao Brasil?; Onde seriam forçados a trabalhar em

regime de escravidão?; O que você entende por regime de escravidão?; O que é escravidão?; dentre outras.

Figura 10 - Roda de conversa sobre o livro



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Todos os alunos participaram, ratificando que a ideia central do livro foi compreendida, bem como, a explicação do preparo da feijoada como sendo um dos trechos que mais chamaram a sua atenção.

Por outro lado, ficou evidente a percepção dos modelos predominantes de príncipes e princesas, a ausência de heróis que os representem, além disso, compreenderam o processo de escravidão como injusto, desumano e inaceitável.

3.5. Quinto encontro

No penúltimo encontro, propôs-se uma pintura de Pérola Negra em alto-relevo. A atividade foi realizada com entusiasmo. Nesse percurso, chamou-se a atenção, mais uma vez, o incentivo dos colegas de sala mais ágeis – esses sempre cooperam e auxiliam aqueles que sentem mais dificuldade na execução da tarefa.

3.6. Sexto encontro

Para encerrar-se as atividades propostas, solicitou-se que os alunos continuassem a estória de Pérola Negra, contando o que aconteceu depois que passou a viver no quilombo juntamente com outras famílias e *geraram muitas crianças afrodescendentes*.

Figura 11 – Aluna preparando o reglete de mesa.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Figura 12 – Alunos produzindo o texto.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Figura 13 – Aluna expondo oralmente o texto produzido.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Vale ressaltar que a produção escrita foi realizada apenas pelos alunos que já tinha um bom desempenho e domínio da escrita Braille.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dessa pesquisa, fica evidente que as pessoas com deficiência visual têm a seu dispor vários recursos para que possam ter uma aprendizagem significativa.

No entanto, para que isso ocorra não depende apenas dos recursos didáticos disponibilizados. É indispensável que o professor possua uma formação adequada, tornando-o capaz de (re)conhecer essas ferramentas, para, assim, propor atividades envolventes, criativas que possibilitem as pessoas com deficiência visual desenvolverem suas habilidades de leitura, escrita e compreensão textual.

Também, observamos que para o aluno aprender é necessário que haja a curiosidade, a disponibilidade de atividades que considere o conhecimento prévio do mesmo, a flexibilização do conteúdo e as particularidades do estudante. E cabe a escola disponibilizar os meios necessários para que os educandos com deficiência visual sejam capazes de compreender e produzir textos adequados a situação comunicativa.

Para isso, é oportuno que o professor não priorize atividades veiculadas aos estímulos visuais, aos quais estão tão habituados. É indispensável (re)conhecer que as pessoas com deficiência visual possuem particularidades no processo de aprendizagem, tornando-se necessário que na elaboração das atividades, o professor explore a audição, o tato, o paladar e o olfato, visto que são importantes aberturas para a captação de informação da clientela pesquisada. Desse modo, descontrói-se a ideia de que os deficientes visuais possuem uma inteligência limitada e são incapazes de realizar determinadas atividades.

Convém ressaltar, ainda, que o fato dos alunos possuírem em seu repertório de leitura o conto de fada A Bela Adormecida facilitou a desconstrução do paradigma de princesa existente nos contos de fadas. Para isso, visualizaram e estabeleceram as diferenças entre a Bela Adormecida e Pérola Negra.

Para que haja a compreensão de um texto é necessário que as ideias expostas sejam apreendidas. De tal modo, é preciso que o leitor seja capaz de selecionar e (re)organizar as informações, relacionando-as com o conhecimento prévio do conteúdo abordado. Caso, as ideias apresentadas não faça parte do conhecimento do educando, é indispensável que sejam elaboradas e aplicadas tarefas que permitam a aquisição das ideias principais do texto.

A escola, muitas vezes, é quem introduz à leitura na vida das crianças. Deverá, por isso, introduzi-la de modo atraente. Nesse cenário, torna-se eficaz a dimensão pedagógica do audiolivro no ensino para pessoas com deficiência visual, uma vez que explora a audição, permite a elaboração de tarefas pelo professor que explorem o tato dos alunos, com o intuito de ampliar ideias-chaves presentes no mesmo. Além disso, ocupa menos espaço nas prateleiras das bibliotecas, sendo também um material fácil de ser transportado e poder ser “lido” pelos alunos independentemente de dominar ou desconhecer o Braille.

REFERÊNCIAS

CARRARA, Sérgio. **Educação, diferença, diversidade e desigualdade**. In: Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações étnico-raciais. Livro de Conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

ELIA, Marcos da Fonseca. SAMPAIO, Fábio Ferrentini. **Plataforma Interativa para Internet (PII): Uma Proposta de Pesquisa – Ação para Professores**. XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE - UFES -2001.

FANTOZZI, Evelyn Thaís. **Inclusão dos alunos com deficiência visual na escola pública: um estudo de caso**. São Paulo, 2009. http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2009/2o_Semestre/Evelyn_Thais_Fantozzi.pdf Acesso em dezembro de 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MAGALHÃES, Luciane M. **Modelos de educação continuada: os diferentes sentidos da formação reflexiva do professor**. In.: KLEIMAN, Ângela B. (org.). A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MENEZES E FRANKLIN, Nelijane C.; Franklin, Sérgio. **Audiolivro: uma importante contribuição tecnológica para os deficientes visuais**. <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3213/2337>. Acesso em: Janeiro de 2013.

Organização das Nações Unidas. **Convenção sobre os direitos da pessoa com deficiência**. 2006.

PALLETA, Fátima Aparecida Colombo, *et.al.* **AUDIOLIVRO: inovações tecnológicas, tendências e divulgação**. SNBU – XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias.

<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2625.pdf>. Acesso em dezembro de 2012.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PINHEIRO, Flávio de Brito. BONADIM, Tereza Cristina. **Tecnologias para a Inclusão de Alunos com Deficiência Visual no Ensino a Distância**. http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/textos/ead_flavio_brito.pdf Acesso em dezembro de 2012.

RODRIGUES, Olga Maria Piazzentim Rolim e MARANHE, Elisandra André. **A História da Inclusão Social e Educacional da Pessoa com deficiência**. In: Marcos históricos, conceituais, legais e éticos da educação inclusiva. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010.

SÀ. Elizabete Dias, *Et.al.* **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Visual**. SEESP – SEED – MEC. Brasília – DF, 2007.

SANTOS. Lígia Pereira. **A bela acordada**. Campina Grande: Latus, 2011.

APÊNDICE

Plano de aula

Objetivos:

- Explorar a história literária;
- Apresentar o audiolivro;
- Valorizar a diversidade racial;
- Debater sobre a importância em se respeitar às diferenças.
- Desenvolver a criatividade através da escrita de um final diferente para o conto.

Estratégias:

- Exposição dialogada;
- Escuta do audiolivro;
- Quadro comparativo;
- Produção oral do resumo dos textos;
- Escrever em Braille um final diferente para o conto.

Atividade1: Introduzindo o tema: Diversidade.

Pedir aos alunos que “olhem-se” para perceber as diferenças na altura, peso, cabelos. Em seguida, iniciar com uma roda de conversa e questionar a respeito da diversidade, perguntando, por exemplo:

- Somos todos iguais?
- Em que somos parecidos?
- O que temos de diferente?
- Se fossemos todos iguais, seria legal ou ruim?
- Para vocês o que significa a palavra diversidade?
- Você já sofreu preconceito de alguma forma? Como?
- O que você sentiu?

Atividade 2: A Bela Adormecida X A Bela Acordada.

Após à exposição dialogada sobre o conto A bela Adormecida e o contra conto A Bela Acordada identificar as semelhanças e diferenças.

Atividade 3: Oralidade.

- Por que apenas princesas brancas, magras e injustiçadas?
- Por que príncipes sempre elegantes, ricos e geralmente loiros?
- Por que finais sempre felizes?
- Por que uma moral sempre ingênua que se afasta do real?
- Por que sempre dois lados: o bem e o mal?

Atividade 4: Estudo dirigido de A Bela Acordada.

- Qual o nome da personagem principal? Por que ela recebeu esse nome?
- Qual foi o pesadelo que a rainha Esmeralda teve?
- Como ficou o reino com a chegada da maldição da Escravidão?
- “Os negros e negras que sobreviveram foram acorrentados nos navios negreiros, por meses até chegar ao Brasil, onde seriam forçados a trabalhar em regime de escravidão.”
- O que você entende por regime de escravidão?
- Como os negros, negras, mestiços e mestiças que tinham nascido na senzala, conseguiram fugir?
- Você lembra-se de outras personagens negras em outras histórias?

Avaliação:

Participação nas atividades propostas.

Continuação da estória A Bela acordada.